

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2013

Patrocinador oficial
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 400 exemplares
Depósito Legal: 366919/13
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



O CASTELO DE CRESTUMA (VILA NOVA DE GAIA) E A OCUPAÇÃO TARDO-ANTIGA NO BAIXO DOURO

António Manuel S. P. Silva / Gabinete de História, Arqueologia e Património (ASCR-Confraria Queirosiana). Investigador do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (Universidades do Minho e Porto) / amspsilva@hotmail.com.

J. A. Gonçalves Guimarães / Gabinete de História, Arqueologia e Património (ASCR-Confraria Queirosiana) / ggui@portugalmail.pt.

RESUMO

O Castelo de Crestuma, um esporão rochoso na margem sul do Douro, é objecto de investigação arqueológica desde 2010. Os trabalhos têm revelado uma estação extremamente complexa, com testemunhos da Idade do Ferro, tardo-antiguidade (V-VI) e Reconquista Cristã (X-XI). A par da ocupação em altura, possivelmente fortificada, registam-se outros indícios nos areais ribeirinhos do sopé, tendo-se identificado o que parece ser uma estrutura de atracagem, actualmente submersa. Tal evidência poderá contextualizar o achado de um diversificado conjunto de importações, nomeadamente *sigillata* tardia focense e norte-africana, vidros e outros itens. Os vestígios de construções correspondem principalmente a estruturas negativas, nomeadamente centenas de “buracos de poste”, aplanamentos e outros entalhes que cobrem toda a superfície rochosa do monte.

ABSTRACT

Crestuma's Castle is a rocky hill in the Southern bank of river Douro, North of Portugal. There, an archaeological project started in 2010, revealing a complex multiperiodal site, with evidence of human dwelling since the Iron Age. A main settling period seems to have occurred by the time of the first Barbarian Iberian kingdoms, during the 5th and the 6th centuries, but another relevant phase is related with the Christian “reconquest” of the areas Moorish had invaded in 711. Concerning Late Antiquity, evidence suggests not only a settlement on the hill top, probably fortified, but also some structures at the foot, by the river, namely what seems to be a small mooring dock, currently submerged. In this area digs have found fine wares as ARSD or LRC, as well as East Mediterranean amphorae or late Roman glass shards. In the top and the slopes of the hill a huge amount of negative structures, like post-holes and other rock-cuts are the main archaeological features, being a hard task to assign them a chronology.

O COMPLEXO ARQUEOLÓGICO DE CRESTUMA: EVIDÊNCIA E HISTORIOGRAFIA

A elevação designada tradicionalmente como *Castelo* situa-se no encontro da freguesia gaiense de Crestuma com o Douro, perto da foz do rio Uíma, hidrónimo que se terá associado ao radical *castr-* (fortificação aparentemente coincidente com o *Castelo*) para em conjunto formarem o nome do lugar, como em meados do século XVIII registou o padre Luís Cardoso no seu Dicionário (Cardoso, 1751,

p. 155), explicando um topónimo cuja forma mais arcaica documentada será *Castrumicæ*¹.

Trata-se de um relevo sobranceiro ao rio Douro com cerca de 57 metros de altitude máxima², (Figuras 1 a 3) cujas encostas deveriam ser originalmente mais escarpadas, imagem que se alterou, salvo um pequeno trecho a Sudeste, pela criação de diversas pla-

1. Segundo um documento falso, atribuído a 922, publicado nos *Diplomata et Chartae* com o nº 25.

2. O local tem as seguintes coordenadas geográficas (WGS 84): 41°04'06.97"N/8°30'12.53"O.

taformas ligadas à longa ocupação humana do local (Figura 2). Encontra-se numa área de rochas metassedimentares pertencentes ao Grupo do Douro do Super-grupo Dúrico-Beirão, nomenclatura actual para a designação tradicional do Complexo Xisto-grauváquico e que constitui uma grande unidade litoestratigráfica que integra sequências ante-ordovícicas representadas por xistos, metaconglomerados, alguns níveis de metagrauvaques e rochas carbonatadas (Sá & *alii*, 2009, p. 20). O morro do Castelo enquadra-se na área descrita como de Xistos estaurolíticos (Xistos de Fânzeres) por Medeiros, Pilar & Fernandes (1964, p. 33-5), ou seja, xistos quartzo-micáceos intercalados com níveis de metagrauvaques e onde podem também encontrar-se faixas de metaconglomerados e filões de quartzo leitoso (*Idem*, p. 30-3), podendo estes últimos observar-se no próprio sítio do Castelo.

Esta colina ribeirinha é ladeada, a Este e a Oeste, por duas zonas arenosas (Figuras 1 e 3). A Este, o areal do Esteiro ou da Praia, onde desagua o ribeiro das Touças, foi há poucos anos profundamente alterado no âmbito da reabilitação e adaptação do edifício de uma antiga fábrica de fundição construída no sopé do Castelo para sede do Clube Náutico de Crestuma; a Poente, o pequeno areal de Favaios, junto à foz de outra pequena ribeira, a da Lagoa, constitui uma zona de evidente interesse arqueológico, sendo comum topar-se no areal, entre marés, restos de *tegulae* ou cerâmicas antigas, nomeadamente romanas. Imediatamente a Sul-Sudoeste do morro do Castelo situa-se outra elevação, conhecida como Vessada ou Outeiro, que igualmente exhibe vestígios de ocupação arqueológica, vendo-se tijolaria antiga nos taludes de um velho caminho, marcado por profundas rodeiras e com tradição de via compostelana (Magalhães, 1992, p. 8), que conduzia os viandantes de Sul a uma travessia do Douro. A separar ambos os cabeços, o do Castelo e o do Outeiro, rasga-se um fosso artificial, de cronologia incerta (Figura 4).

Mais de um século após o *Dicionário Geográfico* ter registado a tradição de um local fortificado em Crestuma, outro dicionarista afirmava, agora inequivocamente referindo-se ao local de que tratamos, a presença de vestígios de construções antigas, identificadas como “uma torre ou castelo” (Leal, 1874, p. 447), mas seria apenas em meados do século XX que o local chegaria à historiografia arqueológica. Arlindo de Sousa, um investigador regional, visitou Crestuma e recolheu notícias de achados di-

versos feitos no Castelo e imediações entre 1943 e 1957, referindo-se nomeadamente a pelo menos três locais distintos:

- a) no areal a Nascente do Castelo, entre a antiga “fábrica do Rufino” (actuais instalações do Clube Náutico) e o Esteiro, onde o Uíma desagua no Douro, ter-se-ão encontrado, quando se procedia a abertura de fundações para uma construção, “telhas, fragmentos de cornijas, vidros, bilhas” e outros elementos, entre os quais um “triângulo”, aparentemente em cobre (Sousa, 1957, p. 18);
- b) na parte Sul do monte do Outeiro/Vessada, junto à estrada nº 109-2, Arlindo de Sousa observou várias sepulturas cavadas na rocha (Sousa 1945, p. 405-6, nota 5; 1957, p. 16), precisando que quando se construía os muros laterais da dita estrada “apareceram diversas sepulturas, cavadas nas fragas, de vários tamanhos, isoladas ou em grupos, principalmente de duas, havendo dentro delas fragmentos de cal, de tijolos e de telhas, estando algumas cobertas com terra e outras com pedaços de lousa” (Sousa 1957, p. 17). Aparentemente em ligação com esta notícia, informadores locais recordam o aparecimento de moedas romanas, provavelmente relacionadas com a necrópole (Guimarães & *alii*, 2013, p. 47);
- c) talvez proveniente desta área, regista também Arlindo de Sousa o achado de uma inscrição romana, o fragmento de uma estela ou placa onde se gravou o epitáfio de uma menina de 14 anos, epígrafe datada da 2ª metade do século I/primeira metade do século II (Sousa 1945, p. 405-6, nota 5; 1957, p. 17; Silva 1994, p. 121; Guimarães; Guimarães 2001, p. 45-6);
- d) aludindo mais especificamente ao morro do Castelo, o mesmo estudioso identificou o profundo fosso que o isola a Sul/Sudoeste (e na altura talvez também a Sudeste, uma vez que a zona foi afectada por obras modernas) e referiu “muitas covas redondas e rectangulares (...) cavadas na pedra firme; fragmentos de tégulas, de tijolos e louças; um fragmento de lousa preta (...) com desenhos; um fragmento de mó manúria; muitos restos de muralhas, etc...”, não deixando de registar a presença de muitas pedras de granito, estranho à geologia local (Sousa 1957, p. 17-18).

Posteriormente, o Castelo de Crestuma foi ainda objecto de observações por parte de Carlos Alberto Ferreira de Almeida, que o considerou como uma estação tardo-romana à qual teria sucedido um castelo roqueiro medieval (Almeida, 1978, p. 36, 51), caracterizando mais tarde o sítio como um “castelo estranho” do século V (Almeida, 1989, p. 43; 1992, p. 374). Nas últimas décadas, estudaram-se alguns exemplares de telha romana recolhidos à superfície no Castelo e nos areais subjacentes (Guimarães, 1993) e o sítio foi registado num inventário arqueológico regional (Silva, 1994, p. 66) e na carta arqueológica do Plano Director Municipal (Silva, 2007). Entretanto, várias infra-estruturas de vulto, executadas sem os devidos cuidados de salvaguarda, destruíram vestígios arqueológicos, como sucedeu com o gasoduto, na década de 1990, que atravessou o Douro pelo areal de Favaios; e especialmente a instalação de uma ETAR, que descaracterizou o fosso (Guimarães & Guimarães, 2001). A aquisição de parte dos terrenos do Castelo pela Câmara Municipal de Gaia e sua adaptação a Parque Botânico, inaugurado em 2009, marcaram por fim um novo tempo de salvaguarda, estudo e valorização para o complexo arqueológico, proporcionando condições para o lançamento de um programa de investigação no âmbito do qual têm sido realizadas campanhas anuais de escavação desde 2010 (Guimarães & *alii*, 2010). Como ponto de partida para este programa de investigação arqueológica tomaram-se principalmente em conta as evidências observáveis no Castelo e no pequeno areal de Favaios (Figuras 3 e 4). Neste último salientava-se a significativa quantidade de espólio de superfície, numerosos entalhes abertos nos afloramentos rochosos próximos e também a identificação, feita durante a campanha de trabalhos arqueológicos de 2010, de um conjunto de grandes silhares graníticos trabalhados, evidenciando aparelho almofadado e marcas de *forfex*, sugerindo terem pertencido a uma construção de vulto de época romana (Silva & Guimarães, 2013, p. 15), pedras que se encontravam nas imediações do areal de Favaios e terão sido desenterradas das margens do rio, segundo informadores locais, durante os trabalhos de instalação do gasoduto.

No monte do Castelo, para além de cerâmicas superficiais de várias épocas, destacavam-se os elementos assinalados por A. Sousa (1945; 1957), como a utilização de silhares em granito nos muros xistosos das plataformas e, sobretudo, as tais “covas redondas e

rectangulares cavadas na pedra firme” (Sousa, 1957, p. 17). Na verdade, trata-se de uma quantidade enorme de entalhes, de diferentes tipologias, incluindo quer os correntemente conhecidos como “buracos de poste”, de plano circular, quer outros de planta quadrangular, rectangular ou mais irregular, de profundidades muito variáveis, para além de aplanamentos, cortes e muitos outros negativos, que surgiam em praticamente todas as superfícies rochosas aflorantes. Estes vestígios denunciavam a existência de antigas construções em madeira, como também em pedra, considerando os numerosos silhares dispersos pelo monte e os entalhes claramente abertos para o seu assentamento. Localizou-se ainda uma base de coluna, também em granito, reutilizada numa construção moderna no topo do monte, havendo notícia do achado de um fuste, entretanto perdido.

TRABALHOS REALIZADOS E PRINCIPAIS RESULTADOS

Nas campanhas de 2010 e 2011 os trabalhos de escavação incidiram apenas em dois pontos, o designado sector A, localizado no topo da elevação, junto a uma eira e a uma dependência agrícola moderna; e o sector P, situado no areal de Favaios (Figura 5); em 2012 prosseguiram-se as escavações naqueles sectores e abriram-se outros dois: o sector T, uma plataforma intermédia algumas dezenas de metros a Nordeste do sector A, e o sector L, correspondente a uma pequena sondagem feita numa construção erguida na margem do rio que, pelo menos modernamente, foi utilizada como pesqueira, próximo do areal de Favaios. Nesta última campanha foi também feita uma intervenção pontual, com meios mecânicos, no próprio areal de Favaios, para verificar a existência de alguma estrutura enterrada sugerida pelos grandes blocos ali aparecidos e por trabalhos de georadar entretanto efectuados (Dryas, 2011), tendo-se confirmado, a pouca profundidade, a presença de uma construção de grande porte coincidente com os indícios disponíveis (Silva & Guimarães, 2013, p. 15). A área total escavada, não contabilizando esta última acção, totaliza cerca de 480 m². Por limitações de espaço abordaremos neste texto apenas os resultados dos trabalhos no sector A.

Neste sector (Figura 5) a evidência arqueológica inicial incluía, para além de cerâmica de superfície, numerosos entalhes feitos na rocha, de diferentes tipologias, uma extensa eira em parte talhada no

xisto e em parte pavimentada com grandes lajes do mesmo material e o ângulo de uma construção em pedra seca, de aparelho indistinto e cronologia indefinida. Abriu-se assim uma primeira sondagem de orientação aproximada Norte-Sul, que quase de imediato deu origem a uma escavação em área para ampliar a leitura espacial das estruturas entretanto detectadas.

Por efeitos da erosão e das modernas utilizações do terreno a possança estratigráfica revelou-se muito reduzida; a maior parte da área escavada apresentava o substrato rochoso já exposto ou coberto apenas por um fino depósito, e apenas num ou noutro ponto se conservaram depósitos numa espessura de 30 ou 40 cm. Esta circunstância, associada às naturais perturbações do solo resultantes da florestação, condicionou muito a leitura estratigráfica

da área, sobretudo nas campanhas de 2010 e 2011. As estruturas positivas identificadas são muito escassas e limitam-se ao muro aparentemente moderno, a que já voltaremos, a um pequeno alinhamento de blocos, de uma só fiada e assente sobre terra e a algumas lajes de xisto dispostas horizontalmente em alguns pontos do sector. A maior parte das evidências referem-se a entalhes e outros interfaces negativos, como aplanamentos e “buracos de poste”.

Começando por estas últimas, as estruturas negativas estão contabilizadas em mais de duas centenas apenas neste sector (Fig. 6) e constituem também a evidência mais notória de todo o sítio arqueológico, como dissemos. Como forma de organizar os elementos observáveis, ensaiámos uma primeira tentativa de tipificação, do que resultou o seguinte quadro.

Quadro 1 – Proposta de classificação tipológica dos entalhes e outros interfaces na rocha.

SUPERFÍCIES EM QUE INCIDEM	ORIENTAÇÃO DO INTERFACE	TIPOS	DESIGNAÇÃO COMUM	
Interfaces em superfícies horizontais ou oblíquas	Horizontal	Aplanamentos simples	Aplanamento simples	
	Horizontal-Vertical	Aplanamentos delimitados por interfaces verticais	Aplanamento delimitado	
		Aplanamentos articulados com interfaces verticais [degraus]	Degrau	
	Oblíquo	Aplanamentos simples	Aplanamento oblíquo	
			Sulco em V	Entalhe linear
			Aplanamentos articulados [em espinha]	Degraus em espinha
	Vertical		De plano angular [essencialmente subrectangular]	Entalhe subrectangular
			De plano subcircular	Entalhe subcircular
		De plano oblongo	Entalhe oblongo	
		De plano irregular	Entalhe irregular	
Interfaces em superfícies verticais ou bastante oblíquas		[ainda não tipificadas]		

Apresentamos esta proposta, meramente operativa e ainda em trabalho, como forma de divulgar uma linha de pesquisa que entendemos útil para a leitura morfológica deste género de contextos e também para eventualmente suscitar reacções e o diálogo com estudiosos de estruturas negativas afins. A tabela original (Guimarães & alii, 2011) incluía, além de ilustrações dos diferentes tipos (que não poderemos reproduzir por limitações de espaço), um escalonamento de cada entalhe em quatro níveis de

profundidade, elemento que, pelas mesmas razões, deixaremos para futura avaliação.

A tipificação dos entalhes assenta, num primeiro nível, na disposição das superfícies em que foram produzidos, ordinariamente horizontal ou levemente oblíqua, de acordo com a orientação da rocha de base; mas podendo ocorrer – em casos ainda não verificados em escavação mas observáveis noutros pontos do cabeço do Castelo – também em painéis rochosos parietais, parecendo corresponder nestas situações a

entalhes para assentamento de travejamentos, portas ou outros suportes de estruturas horizontais.

Os entalhes ou interfaces realizados sobre superfícies rochosas horizontais ou levemente oblíquas podem apresentar diferentes orientações. Um primeiro grupo diz respeito ao simples aplanamento para regularizar a rocha de base, procurando talvez criar superfícies de circulação ou ajustar a altimetria natural do afloramento em função das construções de um dado momento. Tais aplanamentos simples, umas vezes mais perceptíveis que outras, parecem incidir em áreas relativamente restritas (Figura 6), se bem que em certos casos se estendam por mais de dois metros. Observam-se em diferentes patamares altimétricos, sobretudo na fiada 30 da malha de escavação (quadrados F30 a L30), prolongando-se depois para Nordeste (M31 a N34) e para Oeste (J24-27), decorrendo de uma observação de conjunto (Figura 6) uma nítida orientação, em fiadas relativamente regulares, no sentido geral Oes-Sudoeste/Es-Nordeste.

Ocorrem também diversas situações de zonas desbastadas horizontalmente que se encontram delimitadas por um interface vertical com um rebordo mais ou menos expressivo. Estes aplanamentos delimitados podem corresponder a pequenas superfícies de plano mais ou menos regular, como acontece em alguns pontos que parecem corresponder a assentamentos de silhares, servindo o pequeno rebordo ou moldura para melhor fixar e travar o bloco de pedra aí colocado ou, em casos mais localizados, à delimitação de áreas aparentemente funcionais, como se verifica sobretudo no espaço dos Quadrados K-M34-36 (Figuras 6 e 9), onde se observa um nítido rebaixamento da rocha natural com aplanamento da base, onde foram abertos diversos entalhes, nomeadamente um profundo “buraco de poste” de planta rectangular, localizado junto ao murete já referido (Figura 9).

Outro tipo de aplanamentos é o que se articula com interfaces verticais ou oblíquos, produzindo o efeito, senão mesmo a função, de degraus. Na área escavada os degraus ocorrem apenas num ponto localizado, centrado nas quadrículas N34-35, podendo corresponder quer a fundações de um muro escalonado, uma vez que estão no rebordo do afloramento, quer mesmo a eventuais escadas de acesso a um local de cota superior, admitindo-se a hipótese dos aplanamentos e outras estruturas negativas contíguas poderem ter servido de base a um muro espesso.

A grande maioria dos entalhes corresponde a interfaces verticais, com diferentes planos de abertura e profundidades muito variáveis. Numerosíssimos por todo o cabeço e visíveis praticamente em todos os locais onde aflora a rocha natural, estes entalhes são normalmente classificados como “buracos de poste”, caracterização funcional certamente correcta em muitos casos, mas que entendemos não será exclusiva no Castelo de Crestuma, tamanha é a sua diversidade, muitos deles com dimensões e profundidade que sugerem outros usos (Figuras 7 e 8).

A datação destes interfaces é muito dificultada, como já se observou, pela pouca espessura do aterro que os cobre. Muitos encontravam-se expostos à superfície ou preenchidos por material humoso subcontemporâneo, sendo o conteúdo artefactual dos sedimentos que enchiam muitos deles relativamente heterogéneo, se bem que se contem algumas excepções, que estão em análise conjunta. Por outro lado, ocorrem diversos casos em que interfaces diferentes se interceptam, observando-se aplanamentos e entalhes verticais, ou sobretudo entalhes rectangulares e circulares justapostos e por vezes truncados, evidenciando assim um faseamento construtivo desses entalhes, sem que a sequência da sua execução seja sempre clara.

As estruturas positivas ou construídas são por ora escassas. Um pequeno tramo de murete localizado entre os quadrados L34 e L35 é formado por apenas uma fiada de pedras, integrando blocos de granito, xisto e quartzo (Figuras 6 e 9); tem cerca de um metro de extensão por 0,40 m. de largura, encontrando-se assente em terra e aparentemente articulado com um aplanamento delimitado de significativa área e profundidade. Observam-se também, em alguns pontos, conjuntos intencionais de lajes de xisto alinhadas e dispostas horizontalmente (Figs. 6 e 10), quer em aparente relação com aplanamentos da rocha, quer talvez para nivelar os desníveis do afloramento e porventura sobre elas se fundarem muros.

Por fim, há a referir dois muros em pedra, articulados sensivelmente em ângulo recto, localizados entre os quadrados H25 e M27, que actualmente servem de divisão de propriedade (Figura 6). Um deles, com orientação geral OSO./ENE., tem cerca de 9,3 metros de extensão; o oposto (SSE./NNO.) tem aproximadamente 7 metros. São muros mal construídos, de aparelho irregular, combinando blocos de xisto, com pedras em granito, quartzo ou outras rochas, exibindo uma largura média na ordem dos 0,4 ou 0,5

metros. Estas estruturas, aliás com alguns prolongamentos que parecem adivinhar-se parcialmente soterrados, não evidenciam grande antiguidade.

Para ensaiar leituras e hipóteses de organização planimétrica ou altimétrica destes interfaces (Figura 6), estamos a cruzar várias abordagens, desde a tipológica já enunciada, até à sua relação estratigráfica e análise do espólio recolhido em cada contexto, com as dificuldades já aduzidas, a que haveremos de reunir os resultados de datações radiométricas que esperamos obter proximamente. Não obstante, parece clara, testando quer a leitura espacial dos entalhes exclusivamente circulares, quer a dos interfaces de plano angular ou mesmo de todos os tipos reunidos (Figura 6), uma orientação geral destas estruturas em sentido OSO./ENE., que sobretudo nos Quadrados LM30-31, M32 e MN33-34 parece acompanhar o rebordo do maciço culminante. Será talvez menos evidente (mas todavia perceptível nos Quadrados LM31-32, 36-37 e LMN34, integrando o pequeno murete) uma orientação perpendicular dos entalhes no sentido SSE./NNO. Curiosamente, os muros extensos, aparentemente modernos, que atrás assinalámos, exibem uma orientação geral concordante com esta, o que nos levou a proceder à desmontagem de um tramo no ponto em que apresentava maior espessura de depósitos subjacentes (LM27), do que parece estar a resultar a identificação de uma estrutura anterior com o mesmo alinhamento.

FASEAMENTO DA OCUPAÇÃO ATÉ À IDADE MÉDIA

Os vestígios mais antigos de ocupação humana no morro do Castelo remontam à Idade do Ferro e traduzem-se por alguns objectos em bronze e um conjunto crescentemente significativo de cerâmicas de fabrico manual ou com torno incipiente, de pastas micáceas, localizadas quer no sector A, quer nas restantes áreas em escavação, não podendo ainda relacionar-se com estas louças qualquer estrutura ou depósito estratigráfico homogéneo (Silva & Guimarães, 2011; *Idem*, 2013, p. 10).

Durante a maior parte do período do domínio romano na Península, as evidências identificadas no Castelo são escassas, salvo raros fragmentos de cerâmica ou de vidro, se bem que devamos levar em conta a cronologia alti-imperial do epitáfio que referimos. Parece claramente situar-se na tardo-antiguidade, ou se quisermos, no trânsito entre o fim do Império e

os primeiros reinos bárbaros da Península (séculos IV/V a VI/VII), a ocupação mais expressiva do sítio. Com efeito, o espólio recolhido, essencialmente no sector P mas também no sector A, inclui importantes conjuntos cerâmicos desta época, nomeadamente *terra sigillata* clara norte-africana (TSCD), focense e hispânica tardia, ânforas orientais e norte-africanas e cerâmicas cinzentas tardias, algumas imitando formas das Derivadas da *Sigillata* Paleocristã; no mesmo sentido conflui a classificação dos vidros e de outros elementos, sendo ainda de meados do século IV a única moeda antiga exumada (Silva & Guimarães, 2013, p. 7, 11-13). Desconhecemos se esta fase de ocupação do Castelo teve continuidade para além da segunda metade do século VI ou primeira metade do VII, data mais tardia a que podemos fazer chegar algumas ânforas ou cerâmicas finas. A possibilidade de um abandono nos começos do século VIII, hipoteticamente ligado à invasão muçulmana e à queda do reino visigótico não é despicienda, mas não se confirma pelo registo arqueológico.

O seguinte conjunto cerâmico reconhecido, em sequência cronológica, respeita a materiais que podem datar-se globalmente entre os séculos IX e XI e que integram potes e painéis de paredes decoradas com linhas incisivas onduladas ou cordões plásticos digitados, asas de jarro puncionadas, alguidares de fundo em disco, etc. (Silva & Sousa, no prelo). Por aquela altura, em data certamente posterior à presúria do Porto (868), acompanhando o primeiro movimento expansionista do reino asturiano em tempos de Afonso III, ter-se-á instalado na elevação um castelo roqueiro, aproveitando as penedias escarpadas e visando o controlo estratégico da navegação e do atravessamento do Douro (Silva & *alii*, no prelo).

CONCLUSÃO

Não dispondo ainda de datações absolutas e atentas as dificuldades de cronologia relativa das evidências estruturais, positivas e sobretudo negativas, como interpretar o palimpsesto de acções humanas que tem vindo a ser revelado no sector A? Face aos vestígios visíveis, parece clara a existência de construções em pedra, fossem totalmente em granito, fossem em articulação com o xisto local ou madeira; estas construções incluiriam alguns elementos de particular qualidade estética, recordando a base de coluna e a notícia de outra, e estariam certamente cobertas pelo sistema de *tegula/imbrex*, consideran-

do a grande quantidade destes materiais cerâmicos recolhida em cada campanha.

Do mesmo modo, teremos talvez de relacionar uma boa parte dos entalhes do sector A com a construção em madeira, não obstante os casos em que a tipologia ou profundidade dos entalhes tornam esta função aparentemente inadequada. Estas construções poderão ter-se traduzido quer por eventuais estacadas defensivas, quer por estruturas mais complexas, não sendo igualmente de descartar a possibilidade de em madeira se terem executado estrados, plataformas, rampas e outros dispositivos que facilitem o acesso e a circulação nas áreas mais irregulares do morro. A popularidade do uso da madeira como material construtivo a partir do século V está bem documentada na Península Ibérica (López Quiroga, 2009, p. 59-111), tanto para a arquitectura doméstica como para a edilícia sacra (Real, 2012) ou militar (Barroca, 2003, p. 98), mas a circunstância de ser um material perecível, multifuncional e utilizado em estruturas muito diversificadas torna mais difícil a interpretação dos negativos do seu emprego ou a identificação de paralelos construtivos.

O modelo que temos vindo a aprofundar como hipótese interpretativa do complexo arqueológico de Crestuma, considerando em particular a ocupação tardo-antiga do sítio, considera a possibilidade de ainda no século IV, ou já na centúria seguinte, após as invasões bárbaras e o desmantelamento das estruturas da administração romana, poder ter sido erigida no topo do Castelo uma fortificação, provavelmente para defesa do cais ou fundeadouro instalado no areal de Favaios, porventura um ponto de atravessamento do rio ligado à rica região aurífera das serras de Valongo, a Norte do Douro (Mesquita, 2009, p. 54). Com efeito, nos últimos anos, tem vindo a ser reconhecida na Península Ibérica uma fase precoce de encastelamento precisamente a partir desta época (Quirós Castillo, 2012), traduzindo quer fenómenos de crescimento populacional, quer o controle viário ou económico de certas áreas por parte de elites locais (Sánchez Pardo, 2012).

A bacia terminal do rio Douro parece a este propósito apresentar um dinamismo particular, nomeadamente a partir de meados do século V e tendo como referente *Portocale* no limite meridional da área nuclear do reino suevo. O elevado número de sítios e achados tardo-antigos localizados em ambas as margens aguarda ainda estudo de conjunto e os dados provenientes de trabalhos arqueológicos re-

centes tardam em vir a público. Não obstante, entre Tongobriga e a sua área de influência tradicional, *Portocale* e, na margem esquerda, o Castelo de Gaia, desenhou-se um polígono de mais que prováveis interações, centrado no rio Douro como principal eixo de comunicação e que pode bem ter em Crestuma outro dos seus vértices.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Carlos A. F. (1978) – *Castelologia Medieval de Entre-Douro-e-Minho, desde as origens até 1220*. Trabalho complementar para apresentação de provas de doutoramento em História da Arte apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto. Texto dactilografado

ALMEIDA, Carlos A. F. (1989) – Castelos e cercas medievais, séculos X a XIII. In Moreira, Rafael, dir. – *História das Fortificações Portuguesas no Mundo*. Lisboa: Publicações Alfa, p. 38-54

ALMEIDA, Carlos A. F. (1992) – Castelos medievais do Noroeste de Portugal. In *Finis Terrae. Estudos em Lembrança do Prof. Dr. Alberto Balil*. Santiago de Compostela: Universidade, p. 371-85

BARROCA, Mário J. (2003) – Da Reconquista a D. Dinis. In BARATA, Manuel T.; TEIXEIRA, Nuno S. (dir.), *Nova História Militar de Portugal*. Vol. 1. Lisboa: Círculo de Leitores, p. 21-161

CARDOSO, Luís (1751) – Crestuma. In *Diccionario Geografico, ou Noticia historica de todas as cidades, villas, lugares...* Tomo 2. Lisboa, na Regia Officina Sylviana, e da Academia Real

DRYAS OCTOPETALA (2011) – Relatório Preliminar. CRES'11. Crestuma (Vila Nova de Gaia). Reconhecimento geofísico por GPR (Ground penetrating RADAR). Coimbra: Dryas Octopetala, Set. 2011. Texto dactilografado

GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (1993a) – Alguns materiais arqueológicos de estações da margem sul do Rio Douro: as *tegulae*. *Lycerna, Cadernos de Arqueologia do Centro de Estudos Humanísticos*. Porto, 2.ª série, 3 (Actas do VI Colóquio Portuense de Arqueologia, 1987), p. 217-35

GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (1993b) – *Roteiro arqueológico de Vila Nova de Gaia*. V. N. Gaia: Câmara Municipal/Solar Condes de Resende

GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (2010) – O Castelo de Crestuma, parque botânico e sítio arqueológico. *Casa da Cultura*. 14 (Ag. 2010). Vila Nova de Gaia, p. 30-31

GUIMARÃES, J. A. Gonçalves; GUIMARÃES, Susana Gonçalves (2001) – O Castelo de Crestuma, uma estação arqueológica quase desconhecida. *Al-madan*. 2.ª série. 10. Almada, p. 43-7

- GUIMARÃES, J. A.; SILVA, António Manuel S. P.; PINTO, Filipe M. S.; SOUSA, Laura C. P. (2010) – *Programa de investigação arqueológica e valorização cultural do Complexo Arqueológico do Castelo de Crestuma. Vila Nova de Gaia. Projecto CASTR'UÍMA*. Vila Nova de Gaia: Gabinete de História, Arqueologia e Património. Texto dactilografado.
- GUIMARÃES, J. A. Gonçalves; SILVA; António Manuel S. P.; PINTO, Filipe M. S.; SOUSA, Laura C. P. (2011) – *Programa de investigação arqueológica e valorização cultural do Complexo Arqueológico do Castelo de Crestuma – Vila Nova de Gaia. Projecto CASTR'UÍMA. Relatório da 1ª Campanha de Trabalhos Arqueológicos (2010)*. Vila Nova de Gaia: Gabinete de História, Arqueologia e Património (ASCR/CQ). Texto dactilografado.
- LEAL, Augusto S. A. B. de Pinho (1874) – Crestuma. In *Portugal Antigo e Moderno: Dicionário Geográfico, Estatístico, Chorográfico...* Vol. 2. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, p. 447-8.
- LÓPEZ QUIROGA, Jorge (2009) – *Arqueologia del habitat rural en la Península Ibérica (siglos V al X)*. Madrid: La Ergástula ediciones.
- MAGALHÃES, Arlindo de (1992) – *A caminho de Santiago (Da Serra do Pilar a S. Pedro de Rates)*. [S.l.]: Associação de Amizade de S. Pedro de Rates.
- MEDEIROS, Artur C.; PILAR, Ludgero; Fernandes, A. P. (1964) – *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50 000. Notícia explicativa da Folha 13-B. Castelo de Paiva*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- MESQUITA, António (2009) – *O Entre-Douro-e-Vouga na formação de Portugal: recensão histórico-bibliográfica*. S.l.: Ed. A.
- PEREIRA, Pedro (2011) – *Trabalhos arqueológicos no Castelo de Crestuma (Crestuma, Vila Nova de Gaia) – Campanha de 2011. CEM. Cultura, Espaço & Memória*. 2. Porto, p. 303-5.
- QUIRÓS CASTILLO, Juan A. (2012) – *Defensive sites of the Early Middle ages in Northwest Spain*, In BARKER, John; BROOKES, Stuart J. & REYNOLDS, Andrew (eds.) – *Landscapes of Defence in the Early Medieval Europe*. Turnhout: Brepols [Studies in the Early Middle Ages, 28].
- REAL, Manuel L. (2012) – *Materiais de construção utilizados na arquitectura cristã da alta Idade Média em Portugal*. In MELO, Arnaldo S. & RIBEIRO, Maria C. (coord.) – *História da Construção: os materiais*. Braga: CITCEM/LAMOP, p. 89-126.
- SÁ, Artur A.; BRILHA, J.; ROCHA, D.; COUTO, H.; RÁBANO, I.; MEDINA, J.; GUTIÉRREZ-MARCO, J.; CACHÃO, M. & VALÉRIO, M. (2009) – *Arouca Geopark: Geologia e património geológico*. Arouca: Associação Geoparque Arouca.
- SÁNCHEZ PARDO, José C. (2012) – *Castros, castillos y otras fortificaciones en el paisaje sociopolítico de Galicia (siglos IV-XI)*. In QUIRÓS-CASTILLO, Juan A. & TEJADO SEBASTIÁN, José M. (eds.) – *Los castillos altomedievales en el noroeste de la Península Ibérica*. S.l.: Universidad del País Vasco [Documentos de Arqueologia Medieval, 4] p. 29-55.
- SILVA, António Manuel S. P. (1994) – *Proto-história e Romanização no Entre Douro e Vouga Litoral. Elementos para uma avaliação crítica*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto. Texto dactilografado.
- SILVA, António Manuel S. P. (2007) – *Revisão do Plano Director Municipal de Vila Nova de Gaia: Património Arqueológico; Património Geomorfológico. Relatório Final*. Vila Nova de Gaia. Texto dactilografado. Disponível em <http://www.gaiurb.pt/pdm.htm>.
- SILVA, António Manuel S. P.; GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (2011) – *O Castelo de Crestuma revelado pela Arqueologia. As principais fases de ocupação do sítio arqueológico. Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia*. Vol. 13, n.º 73. Vila Nova de Gaia, p. 5-13.
- SILVA, António Manuel S. P.; GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (2013) – *Castelo de Crestuma: a arqueologia em busca da história*. Vila Nova de Gaia: Águas e Parque Biológico de Gaia, EM/ASCR-Confraria Queirosiana.
- SILVA, António Manuel S. P.; SOUSA, Laura C. P. (no prelo) – *Cerâmica do período da “reconquista” (séculos X-XI) proveniente do Castelo de Crestuma (Vila Nova de Gaia)*. In *Actas do 1º Encontro de Cerâmica Medieval do Norte e Centro de Portugal (Museu Monográfico de Conimbriga, 2012)*. Lisboa.
- SILVA, António Manuel S. P.; PINTO, Filipe M. S.; GUIMARÃES, J. A. G.; SOUSA, Laura; (no prelo) – *O castelo de Crestuma (Vila Nova de Gaia): de fortificação tardo-romana a castelo roqueiro?*. In Silva, António M. S. P. (coord.), *No tempo dos Mouros: castelos do Baixo Douro ao Mondego na época da Reconquista. Actas do Colóquio realizado em Arouca em 2011*. Arouca, no prelo.
- SOUSA, Arlindo de (1945) – *Nótulas arqueológico-históricas. Vila-da-Feira Lusitano-Romana (...). Anales de la Asociación Española para el Progreso de las Ciencias*. Ano 10 (2). Madrid, p. 399-412.
- SOUSA, Arlindo de (1957) – *Estudos de Arqueologia, Etnologia e História. Antiguidades do Município de Gaia: Civilizações Pré-romanas, Romana e Romana Portuguesa*. Rio de Janeiro.



Figura 1 – Localização do Castelo de Crestuma (círculo) na CMP nº 134 à escala 1:25.000 (red.).



Figura 2 – O monte do Castelo, visto de Sudeste.



Figura 3 – O monte do Castelo, visto da margem norte do rio Douro. À direita, o areal de Favaios.



Figura 4 – Vista aérea do complexo arqueológico de Crestuma.

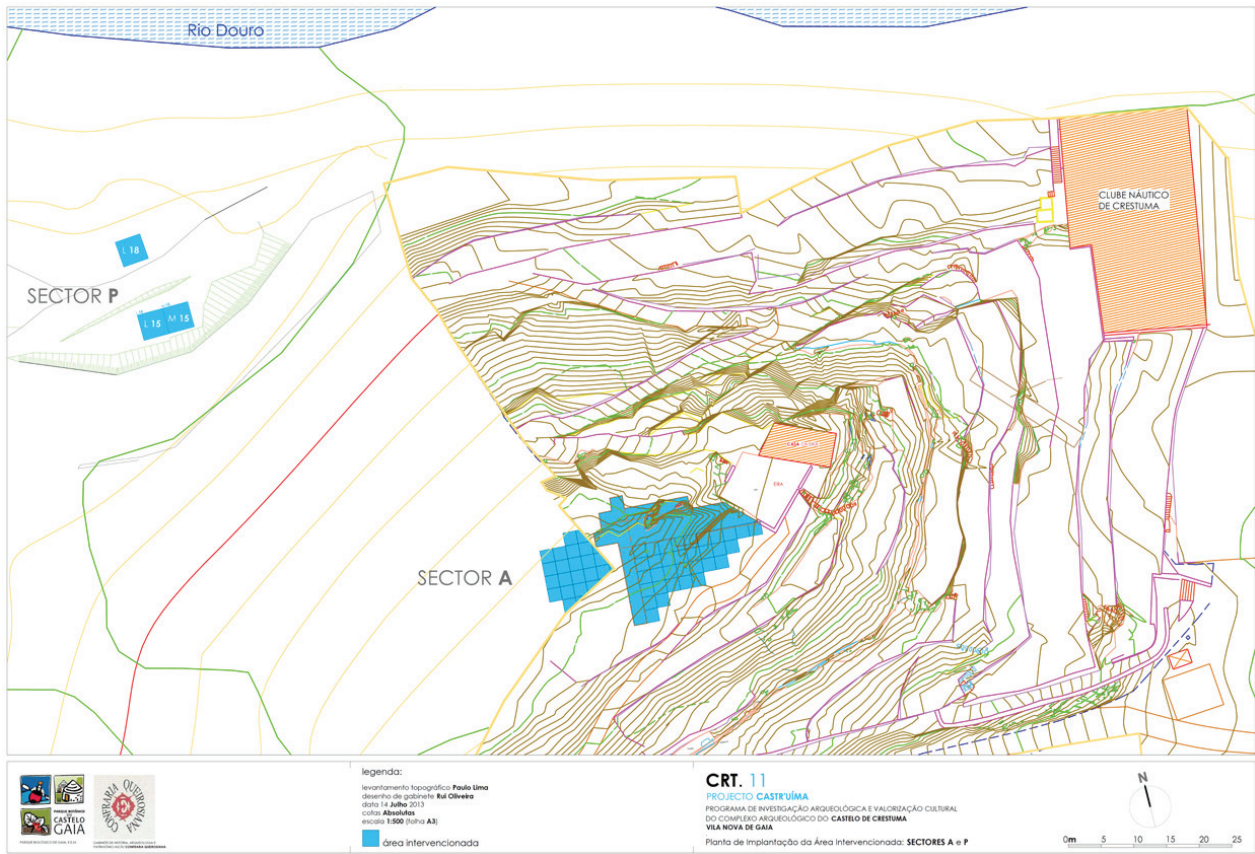


Figura 5 – Levantamento topográfico do morro do Castelo (área do Parque Botânico) com implantação dos sectores escavados até 2011.

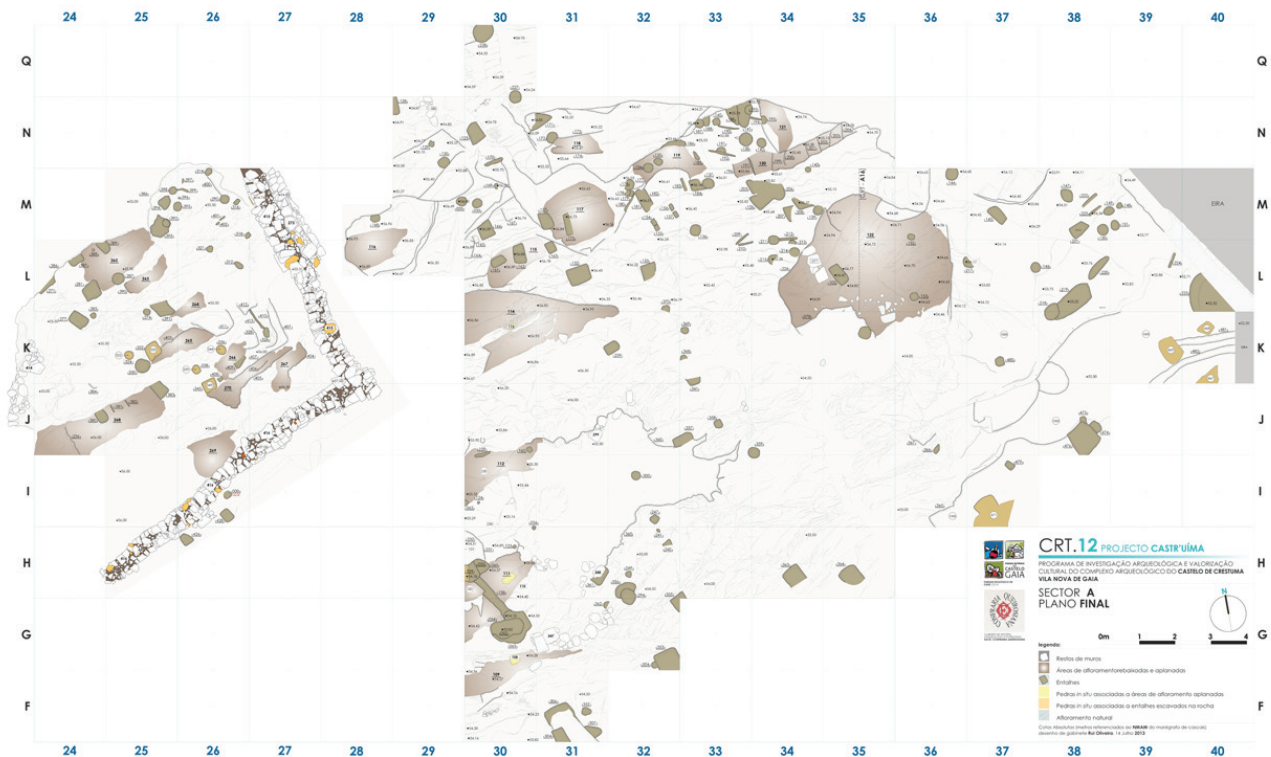


Figura 6 – Planta geral do Sector A, no final dos trabalhos de 2012.



Figura 7 – Diferentes tipos de entalhes no monte, numa área não escavada do Castelo.



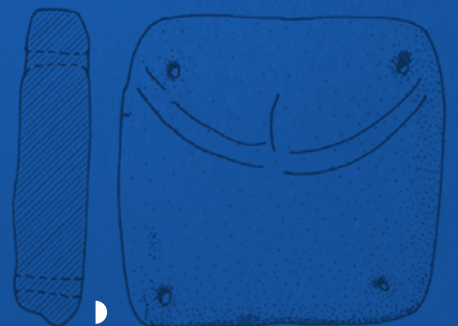
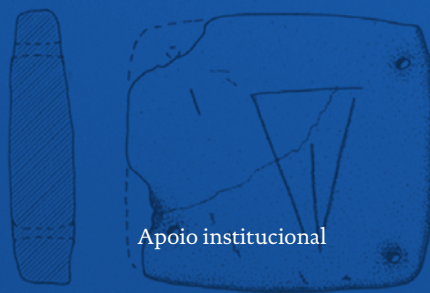
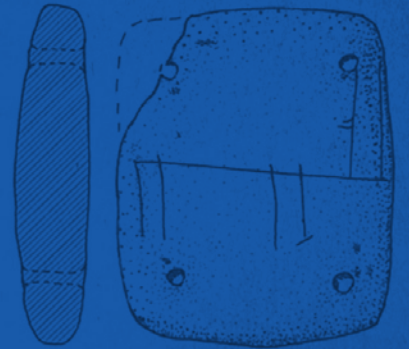
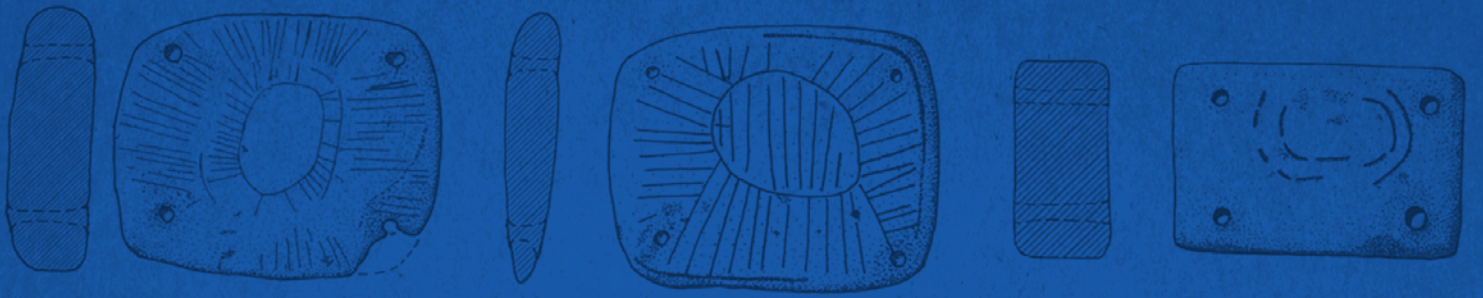
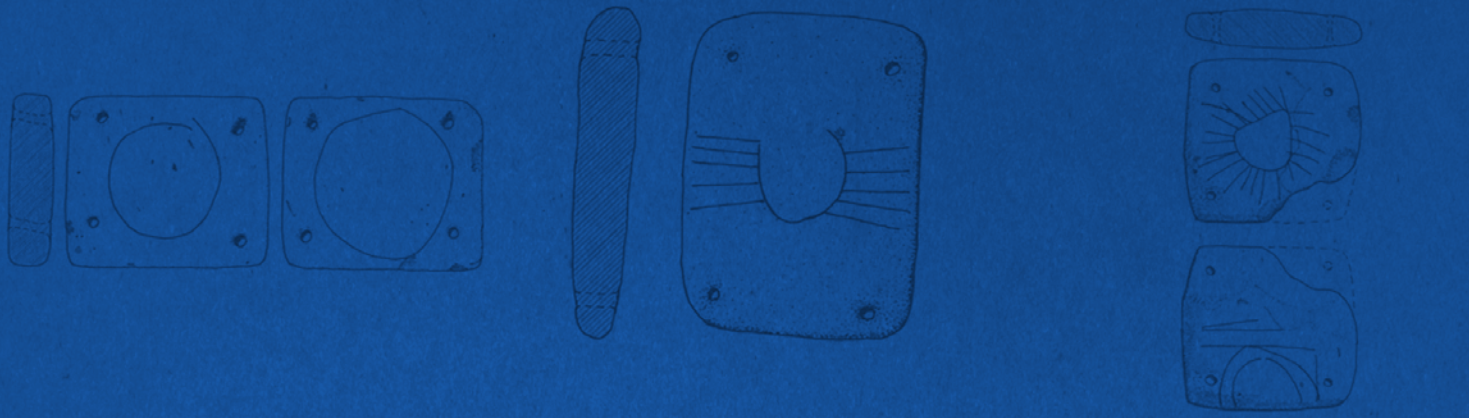
Figura 8 – Sector A: entalhes de diferentes tipos e dimensões.



Figura 9 – Aplanamento delimitado com entalhe subrectangular, junto a murete.



Figura 10 – Lajes de xisto dispostas para nivelamento do afloramento.



FUNDAÇÃO
Millennium
bcp

BNP
BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

 GOVERNO DE
PORTUGAL


Parques de Sintra
Monte da Lua